

## O CONECTOR MAS: UMA ANÁLISE BASEADA EM TEXTOS DE ALUNOS EM DIFERENTES FASES DE ESCOLARIZAÇÃO

ELISETE MARIA DE CARVALHO MESQUITA (ILEEL/UFU)<sup>1</sup>

AMANDA ALVES SANTANA (PIBIC/UFU)<sup>2</sup>

**RESUMO:** Considerando a relação sintático-semântica entre os enunciados ligados por conectivos coordenativos, percebemos que enquanto as gramáticas normativas, de modo geral, revelam poucas informações a respeito do uso do conectivo **mas**, as teorias nas quais nos embasamos nos trazem uma análise mais aprofundada, estabelecendo variadas funções para o conectivo em questão e não somente a relação de oposição entre duas orações, conceito este que estamos acostumados a encontrar nas gramáticas normativo - pedagógicas, orientadas de acordo com a Tradição Gramatical. Assim, no caso específico deste estudo, são relevantes principalmente as considerações de autores que se inserem no âmbito da Linguística Textual e da Gramática Funcional, uma vez que a primeira se preocupa com o texto no que diz respeito a questões que vão do nível formal ao discursivo, permitindo a análise por meio do texto que possibilita uma melhor interpretação por meio do contexto e a segunda procura levar em conta variadas facetas do uso lingüístico, ou seja, preocupa-se como os falantes de fato usam a língua para se comunicarem. Assim, pretendemos compreender as escolhas feitas pelo locutor e, por meio de análise, verificar os valores assumidos por esse conectivo. O *corpus* selecionado para tal verificação é constituído de vários textos produzidos por alunos em diferentes fases de escolarização, distribuídos em três diferentes tipos: dissertativos, narrativos e descritivos. Para melhor compreensão desse assunto, teremos como arcabouço teórico estudos de lingüistas textuais como Travaglia (1991) e Fávero e Koch (1987) e funcionalistas como Neves (1997; 2000; 2002), principalmente.

**Palavras-chaves:** Conector **mas**; Linguística Textual; Funcionalismo; Produções de texto;

**ABSTRACT:** Considering the relation semantic syntactic between the sentences linked by coordinative connectives, it is noticed that while the normative grammar shows few information about the use of the connective **but**, the theories which we are based on, offer a

---

<sup>1</sup> Professora orientadora. Doutora em Lingüística e Língua Portuguesa pela UNESP – *campus* de Araraquara -SP. Professora da Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL- UFU). E-mail: elismcm@terra.com.br

<sup>2</sup> Aluna bolsista. Projeto nº H-013/2007 - PIBIC/ UFU. Graduanda do curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL-UFU). E-mail: amandinha.santana@yahoo.cm.br

deeper analysis, setting up different functions for the connective studied and not only the relation of opposition between two sentences, such as assertion we are used to find in the normative grammars – educational grammars, oriented according to the Grammatic Tradition. Thus, in the specific case of this study, it is relevant to take into consideration the authors of textual Linguistics and Functional Grammar, because the first is concerned with the text regarding issues ranging from the formal level to the discourse, what allows the analysis through the text that enables to a better interpretation through the context and the second aims to take into account other aspects of the language use, it is the way speakers really use the language to communicate. Therefore, it is aimed to understand the choices made by the announcer, and through analysis, check the roles played by the adversative **but**. The selected *corpus* for such verification is based on several texts produced by students at different stages of schooling, divided into three different types: dissertative, narrative and descriptive. For a better comprehension of the following issue, it is used other theoretical textual linguistics studies as Travaglia (1991), Fávero and Koch (1987) and above all functionalists as Neves (1997, 2000, 2002).

## 1.0 - INTRODUÇÃO

Este artigo se propõe mostrar como os alunos em diferentes fases de escolarização empregam o conectivo **mas** em suas produções textuais. Desse modo, o *corpus* deste estudo, escolhido com o intuito de perceber quais são os usos mais/menos associados a esse elemento de conexão, é constituído de textos produzidos por alunos inseridos em diferentes séries dos Ensinos Fundamental e Médio de escolas públicas e privadas do município de Uberlândia - MG.

Inspiramo-nos em base teórica textual-funcionalista, considerando que

essas duas correntes lingüísticas dispõem de muitos pontos convergentes e, principalmente, levam em consideração o estudo de uma determinada língua dentro de uma perspectiva interacional, uma vez que rejeitada a preocupação com a organização textual, o foco se dá na multifuncionalidade dos itens que compõem sentenças, frases e textos, ou seja, “na consideração com as estruturas lingüísticas exatamente pelo que elas representam de organização dos meios lingüísticos de expressão das funções a que serve a língua, que por natureza é funcional.” (NEVES,2002 p.14)

A escolha desses pressupostos se justifica ainda se considerarmos que a partir deles, talvez, possamos entender e explicar com maior segurança os usos de **mas** no contexto em questão. Levando em conta, ainda, os fatores associados aos problemas redacionais, acreditamos que em determinados tipos de textos, especialmente os expositivos, elementos desencadeadores da conexão textual, como **mas**, por exemplo, são muito recorrentes, constituindo, assim, recurso muito utilizado no processo de produção textual. Ainda seguindo esse raciocínio, desenvolvemos considerações sobre essas duas teorias e, posteriormente, estudos sobre Tipologia Textual, uma vez que nosso *corpus* é constituído de três diferentes tipos de texto: narrativos, dissertativos e descritivos.

O nosso objetivo nesta pesquisa é analisar os diversos usos do conector **mas** e verificar as diferentes funções que ele pode assumir em situações reais de escrita. Desse modo, iniciamos nosso trabalho com algumas definições que conhecidas gramáticas tradicionais dão às conjunções adversativas. Em seguida, apresentamos o ponto de vista da lingüística moderna a respeito desse assunto, sendo que baseamos nossas análises nessa última.

Em síntese, nosso trabalho está organizado em quatro partes. Na primeira, apresentamos a *Fundamentação Teórica*,

espaço destinado a um aparato geral sobre a Lingüística Textual, o Funcionalismo e Tipologia Textual. Ainda nesta parte, oferecemos uma breve explicação sobre o percurso histórico do conector **mas** e como este termo é concebido segundo a visão da Tradição Gramatical e da Lingüística Moderna.

Na segunda parte, apresentamos os *Materiais e Métodos*, onde tentamos explicar “como” e “porquê” este trabalho foi desenvolvido e quais os processos relacionados à coleta de dados.

A terceira parte é destinada aos *Resultados e Discussões*. É o inter-relacionamento entre a teoria usada e a análise dos dados coletados.

Por último, apresentamos as *Considerações Finais ou Conclusão*, explicitando o nosso parecer segundo os estudos aqui reportados e as referências bibliográficas.

## 2.0 - A LINGÜÍSTICA TEXTUAL E O FUNCIONALISMO

De acordo com Fávero e Koch (1988. p.11-15) a Lingüística Textual toma como unidade básica, como objeto particular de investigação, não a palavra ou a frase, mas o texto, a forma específica de manifestação da linguagem, para a comunicação. As autoras ainda definem a finalidade da Lingüística Textual, que é refletir sobre os fenômenos lingüísticos

que não são explicáveis por meio de uma gramática do enunciado, sendo que essa teoria tem como tarefa, dentre outras:

- 1) Determinar os princípios de constituição de um texto, verificando o que faz o texto ser um texto, ou seja, determinar os fatores responsáveis pela sua coerência;
- 2) Diferenciar as várias espécies de texto;
- 3) Levantar critérios para a delimitação dos textos;

Ainda sob esse enfoque, Cosériu (1967-1968 *apud* Fávero e Koch; 1988 p.22) chama a atenção para o fato de que, no texto é possível encontrarmos não só procedimentos lingüísticos, ou sistemáticos da língua, mas também todas as possibilidades de utilização da fala. Por esta razão, o texto não poderia ser examinado apenas por meio de métodos estruturais.

Assim, percebemos que a análise textual que propomos não se dá de modo superficial, mas de forma que seja feito um estudo que envolva os componentes sintático, semântico e pragmático, de maneira integrada, pois por meio desses componentes é possível ter a interação do conhecimento do locutor com os componentes sintático – semânticos do que é transmitido.

Os estudos de Lingüística Textual nos fazem entender que os conectivos são os grandes responsáveis pela determinação do tipo de relação semântica entre frases.

Esses elementos são conectivos não por si mesmos, mas indiretamente em virtude das relações significativas específicas que se estabelecem entre as orações, seja dentro de períodos, de parágrafos, seja no interior de um texto, como bem lembram Halliday e Hasan (1976). Fávero e Koch (1988) também dizem que a omissão desses elementos (os conectivos), embora admissível, só deve ocorrer quando a relação semântica estiver bem clara, para evitar ambigüidades e incompreensões.

O Funcionalismo, de modo bem parecido com a Lingüística Textual, trata a língua segundo o contexto em que está inserida, a partir de manifestações de uso.

Acreditando que a forma da língua reflete a função comunicativa que a move, o Funcionalismo “considera a estrutura lingüística como algo maleável, que sofre pressões do uso” (SILVA, 2004, p. 67). O Funcionalismo trata também dos diversos comportamentos das estruturas lingüísticas sob influências do uso, e ainda, valoriza e analisa os aspectos múltiplos da língua, que se manifestam a partir do uso.

Nesta teoria, há a união dos componentes sintático, semântico e pragmático (assim como no ponto de vista lingüístico-textual) já que a língua vista sob a união de tais componentes permite considerar o falante como a principal manifestação da linguagem. Dessa forma, em se tratando dos conectivos sob uma

ótica funcionalista, podemos afirmar que são permitidas varias adaptações para determinados elementos numa estrutura lingüística e admitidos variados níveis de atuação.

Acreditamos, então, que os conectores são elementos indispensáveis no processo argumentativo, de modo que seu emprego/uso pode ter influência nas direções sintáticas, semânticas, argumentativas e informacionais de um texto. E, nesse sentido, há que se contestar as gramáticas tradicionais quando essas afirmam que as conjunções são elementos de uso puramente ocasional e relacional.

Com base nessas teorias, pretendemos observar as matizes incorporadas pelo conectivo **mas** e o seu emprego nos textos em questão, tais como os diferentes valores e condições de uso que esse elemento aceita.

## 2.1 - CONSIDERAÇÕES SOBRE TIPOLOGIA TEXTUAL

Levando em consideração que o nosso *corpus* é composto de produções textuais de diferentes tipos, ou seja, dissertativos, narrativos e descritivos, consideramos necessária uma discussão, mesmo que superficial, sobre Tipologia Textual, estudo no qual destacamos Fávero e Koch (1987) e Travaglia (1991), sendo que o primeiro estudo trata das dimensões pragmática, global e lingüística em seis

tipos de textos, mais especificamente em: narrativos, descritivos, expositivos, argumentativos, tipo injuntivo ou diretivo e tipo preditivo. O segundo estudo, proposto por Travaglia, considera a Tipologia Textual como a possibilidade de particularização dos discursos e, ao mesmo tempo, uma possibilidade de sistematização e análise. Nesse sentido, o lingüista faz um estudo que nos permite perceber a relação existente entre o modo da enunciação, o tipo de texto e os recursos lingüísticos empregados, apresentando - nos três tipologias, nas quais não nos aprofundaremos neste trabalho. Como nosso *corpus* está constituído de textos narrativos, descritivos e dissertativos, é importante citarmos que dos três tipos de tipologias apresentados por Travaglia (1991), o que nos parece mais relevante para este estudo é o que diz respeito ao estudo relacionado aos textos descritivos, narrativos e dissertativos, uma vez que o autor faz uma proposta tipológica que nos permite ver com mais clareza a relação entre o modo de enunciação, o tipo de texto e os recursos lingüísticos empregados, como já mencionamos.

## 2.2 - O CONECTOR MAS

Segundo Koch (1984, p.110), as conjunções são responsáveis pela orientação argumentativa global do discurso, no sentido de levarem o

interlocutor a um determinado tipo de conclusão em detrimento de outras. Em outro estudo (1992), a autora apresenta o emprego dos operadores discursivos, termo usado por Ducrot para designar certos elementos da gramática de uma língua que têm por função indicar a força argumentativa dos enunciados, a direção e o sentido para os quais apontam.

A partir dessa visão mais ampliada, é possível perceber que os conectivos, de um modo geral, não são simplesmente elementos que servem para unir as partes (palavras, orações, enunciados) de um texto. Na verdade, eles são itens lingüísticos tão importantes em um texto, que o emprego inadequado de um ou de outro pode acarretar problemas comunicativos. Por outro lado, a escolha de um elemento conector pode favorecer a progressão textual de modo a evitar informações mais detalhadas.

Vejamos um exemplo encontrado em uma produção de texto de um aluno de rede pública de ensino, que, aliás, faz parte do *corpus* usado para esta pesquisa:

- (1) Se eu morasse mais perto da escola eu viria a pé todos os dias, porque assim faço exercício. *Mas* é interessante como existem coisas que não me atrapalham em nada. (Aluno do 5º ano do Ensino Fundamental – Rede Pública de Ensino)

Na seqüência (1) o aluno diz que o

fato de morar perto da escola faz com que ele pratique o exercício da caminhada. Logo, ao usar o termo **mas**, o autor assegura outro rumo ao seu texto, levando-o para a apresentação de outros argumentos ou outras interpretações. Assim, este primeiro exemplo nos mostra que a presença do **mas** no início da sentença aponta para uma mudança de foco de assunto, organizando o texto e assegurando sua progressão.

A Lingüística Textual, nesse sentido, nos possibilita uma melhor análise da língua e conseqüentemente uma melhor classificação do elemento **mas**, devido à teoria não se restringir a uma análise superficial da frase.

### 2.3 – PERCURSO HISTÓRICO DO CONECTOR MAS

Antes de discorrermos sobre o tratamento de **mas** sob a ótica da Tradição Gramatical, é imprescindível buscarmos informações históricas sobre esse conector. Acreditamos que algumas situações sintáticas ou semânticas, bem como outras que serão estudadas neste trabalho podem ser mais bem explicadas e/ou compreendidas, se conhecidas as origens desse conector.

Segundo Borba (2002), o elemento **mas**, originária do advérbio latino *magis*, é uma conjunção coordenativa adversativa que indica contração. Apresenta no

português arcaico as variantes: *mays* ~ *mais* ~ *mas* e opõe, como no português contemporâneo, sintagmas, sentenças independentes com verbos no indicativo e subjuntivo. Ocorre como encadeadora da narrativa, abrindo um bloco de idéias diversas das quais foram expostas anteriormente. O valor adversativo do **mas** pode ter se firmado a partir do século XVI.

Fabri (2001) faz um paralelo entre os gramáticos Carlos Pereira (1937), Napoleão Almeida (1952), Gladstone Melo (1968) e Silveira Bueno (1968) acerca de como tais autores tratam o **mas**. Segundo ela, Pereira faz um paralelo entre as conjunções **mas** e **porém**, afirmando que estas são palavras sinônimas pertencentes à mesma classe das adversativas porque indicam que a oração iniciada por eles estabelece sentido contrário ao da outra oração, e que apesar da similaridade, o **porém** é mais forte que o **mas** no contraste que expressam, devido a sua mobilidade. Almeida, ao contrário de Pereira, afirma que a força adversativa do **mas** é maior que a do **porém** e que o **mas** se difere das demais conjunções da classe porque vem sempre no começo das orações de contraste, ao passo que **porém** vem depois de iniciada a oração. Melo, por sua vez, apresenta, assim como Pereira, o **porém** como uma adversativa mais forte que o **mas**, pois pode migrar em uma oração, ou seja, sua mobilidade permite que seja

colocado à frente ou ao final da oração que ele coordena. Já Bueno, ao tratar das adversativas, faz referência apenas ao **mas** e ao **porém**. Para ele, o **mas** vem sempre acompanhado de outras conjunções como *mas porém*, *mas contudo*, *mas todavia*, justamente pelo fator histórico de o **mas** ter se originado de *magis* e que outrora teve função reiterativa e não adversativa como classificado hoje.

No que diz respeito à força e a função das conjunções adversativas, acreditamos, assim como Almeida, que o **mas** é a adversativa por excelência, a conjunção que merece destaque dentre outras inseridas na mesma classe que, tradicionalmente, recebe o nome de adversativa. É o que também defende Mesquita (2003).

#### 2.4 – O MAS SOB A ÓTICA DAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS

Cunha e Cintra (2001) afirmam que as conjunções adversativas, além de ligar dois termos ou duas orações de igual função, acrescentam-lhe uma idéia de contraste, de oposição. Cunha e Cintra apresentam também os valores semânticos do **mas** com idéias de restrição, retificação, compensação, adição e mudança de assunto, sendo que este último é usado com a finalidade de retomar o enunciado anterior que ficara incompleto. Desse modo, esses autores, apesar de pertencerem

a uma linhagem tradicional, apresentam em seus estudos função para a adversativa **mas**, que não só a de opor sentenças.

Cunha e Cintra, assim como Lima (1982), falam do posicionamento das conjunções na estrutura sintática. Em relação às orações adversativas, comentam sobre a obrigatoriedade do **mas** no início da oração. Os autores referem-se também a outras conjunções de força adversativa, que têm a liberdade de migrar para vários pontos da sentença, seja no começo, meio ou fim de uma frase. Assim, o **mas** representa o carro-chefe da seqüência adversativa, o que não ocorre com as outras conjunções que podem ocupar posições diferentes na frase. Cunha e Cintra fazem também o que Lima não faz: referência aos aspectos semânticos que o elemento **mas** pode apresentar.

Perini afirma que as conjunções são “ítems léxicos que, colocados imediatamente antes de uma oração, formam com ela um sintagma que é o termo de uma oração maior”. (PERINI, 2001, p.139).

Esse autor não nos aponta nenhuma classificação para as conjunções coordenativas de valor adversativo. Somente as chama de coordenadores e diz, ainda, que o termo tem como função sintática juntar dois ou mais constituintes de mesma classe, formando o conjunto um constituinte maior que pertence à mesma

classe dos constituintes conectados.

Em sua análise descritiva, Perini afirma que o termo **conjunção** se aplica às conjunções subordinativas da Gramática Tradicional. O autor diz que, como tais unidades são “independentes”, não há a necessidade de correlacioná-las sintaticamente, pois tal relação não será possível, o que ocorrerá será uma relação semântica, que determinará o papel do coordenador.

No que diz respeito ao processo conjuntivo, Perini considera também a pontuação, que normalmente, ocorre por vírgula, pois as unidades independentes podem relacionar-se sem nenhuma marca explícita. As conjunções coordenativas são denominadas por ele de coordenadores, diferentemente de Bechara (1999), que as chama de conectores.

Considerando o estudo feito por diferentes gramáticos de língua portuguesa, podemos dizer que, de um modo geral, as gramáticas normativo-pedagógicas, de orientação tradicional, fazem uma abordagem mecânica das conjunções, sem maiores preocupações com o papel discursivo delas, deixando de lado as relações, funções e valores, de dimensões semânticas em diferentes contextos - proposta que gramáticos e lingüistas modernos tentam resgatar.

## 2.5 – O **MAS** SOB O PONTO DE VISTA



## DA LINGÜÍSTICA MODERNA

Nos estudos lingüísticos, as adversativas são também chamadas de operadores argumentativos do discurso, cuja principal função é colaborar com a progressão do texto, apontando a seqüência para uma outra direção e expandindo a afirmação anterior.

Segundo Koch (1992), esses conectivos não podem ser considerados como meros elementos relacionais, responsáveis pela oposição entre segmentos, como nos ensina grande parte das gramáticas normativas. As adversativas são responsáveis pelos efeitos de sentido que o autor/locutor propõe estabelecer.

Koch (1984, p.104) diz que existe na gramática de cada língua uma série de morfemas que funcionam como operadores argumentativos ou discursivos, como as conjunções adversativas, que são também chamadas pela lingüista de conjunções de contrajunção. Sabemos que para os estruturalistas e para a gramática gerativa, as conjunções são descritas como morfemas gramaticais lexicais, sendo colocados, na descrição lingüística, em segundo plano. Entretanto, Fabri (2005) enfoca que a Semântica Argumentativa considera esses elementos como responsáveis pela determinação do valor argumentativo dos enunciados, constituindo marcas de enunciação e recuperando o valor desses elementos. A

autora, seguindo Ducrot (1981), lembra ainda que a argumentação constitui estrutura de todo discurso e que as conjunções também são responsáveis pela organização e argumentatividade dos enunciados no texto. Para Ducrot (1981), o emprego argumentativo dos enunciados não se deduz de inferências, mas se firma nas estruturas lingüísticas manifestadas nos enunciados.

Nesse sentido, antecipamos alguns comentários que merecem ser feitos após a observação preliminar do *corpus* de análise.

Percebemos, em algumas ocorrências de textos narrativos, que o **mas** aparece em diálogos, marcando uma situação em que dois interlocutores defendem posicionamentos opostos. O uso do **mas**, nestes casos, introduz um argumento.

- (2) a)- Porque você não usa um brinquedo bom ?  
 b)- Porque eu não tenho um brinquedo bom !  
 a) - **Mas** eu empresto um bom para você.  
 (Aluno do 4º ano do Ensino Fundamental – Rede Particular de Ensino)

Na sentença (2) o **mas**, para dar força ao argumento introduzido, pode ser visto e interpretado com a função de **então**. Percebendo que o personagem (a) não tem um brinquedo bom, então, o personagem (b) se propõe emprestá-lo um.

Durante um diálogo oral, é comum utilizarmos diversos recursos para deixar claro ao interlocutor que o turno ainda não foi encerrado, entre eles o uso do conectivo **mas**. Nesse texto escrito, abaixo, os sujeitos utilizam o **mas** da mesma forma que o fazem na linguagem oral, ou seja, de modo constante e repetitivo, com o intuito de seqüenciar e/ou enumerar os fatos descritos.

(3) – Levante-se, vai pra sua casa!

**Mas** o marinheiro estava perdido, perdido em suas mágoas, **mas** uma enorme maré destruiu seus sonhos, sem rumo. (Aluno do 9º ano do Ensino Fundamental – Rede Pública de Ensino)

Diante do exposto, podemos dizer que, falar da força argumentativa do **mas** é tarefa agradável, já que os enunciados com **mas**, “operando pesagem de diferenças, jogando com discriminações, constroem – se basicamente sobre relações argumentativas, buscando estabelecer o prevailecimento de uma direção sobre outra ou sobre outras”. (NEVES, 2002, p.245).

### 3.0 - MATERIAIS E MÉTODOS

Acreditamos que o largo emprego do conectivo **mas** se dá porque esse elemento, mesmo sendo empregado apenas no início das construções, se relaciona com todas as estruturas que compõem essas construções, tais como orações, sintagmas, períodos e parágrafos, por exemplo.

O **mas** é frequentemente classificado nas gramáticas normativas como uma conjunção coordenativa que principia orações adversativas. Todavia, admite-se enxergar outras funções exercidas por esse conector. Cunha e Cintra (2001) reconheceram a atribuição de outros valores que se distanciam da adversidade. Os gramáticos apresentam idéias que exprimem também noções de restrição, de retificação, compensação, adição e mudança de assunto. Talvez por esse motivo, Koch (1992) e vários outros autores dão ao termo a funcionalidade de operador argumentativo.

Para Neves (2000) o conector **mas** apresenta dois valores semânticos básicos: o da contraposição, no qual o conteúdo da oração que este termo inicia, apesar de aceitar/admitir o conteúdo da oração anterior, posiciona-se rebatendo-o; e o da eliminação, em que há anulação do conteúdo exposto na oração que precede o referido conector.

Considerando o posicionamento desses autores, podemos afirmar que, para o estudo das ocorrências levantadas, apoiamo-nos, principalmente, na análise qualitativa dos dados, sendo que considerações quantitativas não foram, obviamente, descartadas da nossa pesquisa, pois nos preocupamos em classificar de forma satisfatória as ocorrências de **mas**, de forma a responder a algumas questões

levantadas e que foram investigadas na análise qualitativa.

Assim, desenvolvemos um estudo que observa o emprego do conector **mas** em textos dissertativos, narrativos e descritivos, de um *corpus* de 427 textos produzidos por alunos das redes pública e particular do município de Uberlândia – MG em diferentes fases de escolarização, a fim de estabelecermos as diferenças/semelhanças quanto ao emprego desse conectivo.

Dos 427 textos coletados, 110 não apresentaram ocorrências do conectivo em questão, sendo reduzida esta quantidade para 317 produções textuais. Sabendo que os textos analisados não são puros, consideramos o aspecto de predominância nos textos escolhidos. Separados por essa predominância, alcançamos a seguinte quantidade: 150 textos narrativos, 100 textos dissertativos e 67 descritivos.

Ainda analisando quantitativamente o *corpus* selecionado, entendemos que é de grande valia ressaltar que dos 417 textos analisados, 40 tiveram ocorrências de **mas** com valor adversativo grafado de forma parecida com a oral **mais** e isso se dá não somente nas salas de séries iniciais, como também com alunos que estão concluindo o Ensino Médio.

Tal acontecimento não contribuiu para deficiência semântica dos textos, visto que os alunos souberam aplicá-lo de forma

coerente e pertinente nos textos. Com base nesse resultado, acreditamos que o que freqüentemente ocorre é a ditongação da palavra, se considerarmos que a aplicação do termo nas frases foi feita conforme os estudantes assimilaram das gramáticas normativo – pedagógicas estudadas.

Constatamos, também, que **mas** não estabelece apenas o valor de oposição como assevera grande parte das gramáticas tradicionais. Há, na realidade, um jogo de efeito de sentidos na estrutura proposta pelo locutor quando ele opta por esse conectivo e não por outro. É nesse sentido que Koch (1992) diz que as conjunções não podem ser consideradas como meros elementos relacionais, responsáveis pela oposição entre segmentos. As adversativas, seguindo esse preceito, são responsáveis pelos efeitos de sentido que o autor do texto propõe estabelecer com o seu interlocutor. Dessa forma, esses elementos são considerados pela autora como operadores argumentativos.

Parece que quando Cunha e Cintra (2001) afirmam que as adversativas ligam dois termos de igual função, eles estão, na verdade, se referindo à função sintática. No entanto, a classificação desses autores não pára nesse ponto, uma vez que, em seguida, os autores consideram o aspecto semântico.

Nesse sentido, podemos dizer que também Bechara (1999) e Perini (2001)

adotam pontos de vista interessantes quanto ao uso do **mas**, que extrapolam as definições da Tradição Gramatical.

Segundo Bechara, as conjunções coordenativas unem as orações independentes e, conseqüentemente, estruturas independentes menores. O gramático vê o **mas**, juntamente com o **porém** e o **senão**, como uma adversativa por excelência.

Com base nos conceitos que Bechara (1999) e Perini (2001) dão às classes das adversativas, conceitos esses que vão além da interpretação desprezível das gramáticas normativo pedagógicas, observamos em nosso trabalho as diferenças sintáticas na combinação dos elementos lingüísticos na estrutura dos enunciados e as relações com os efeitos de sentido que elas podem causar.

Com a associação desses dois tipos de análises, esperamos chegar a alguns comentários conclusivos a respeito do emprego de **mas** por alunos em processo de escolarização.

Acreditamos que o *corpus* escolhido é representativo em variadas ocorrências do conectivo **mas**, afinal, partimos da hipótese de que esse é um elemento altamente presente nos textos de alunos, em variadas fases de escolarização, o que, hipoteticamente, contribui para que afirmemos que variados valores podem ser

a ele incorporados, dependendo da intenção comunicativa do falante.

Dessa maneira, por meio da união desses dois tipos de análise (qualitativa e quantitativa) tentamos oferecer o perfil do termo **mas** de acordo com o contexto em que ela foi analisada.

#### 4.0 – RESULTADOS E DISCUSSÕES

Uma breve consulta às gramáticas tradicionais do português nos revela que a descrição das chamadas conjunções adversativas é um dos pontos mais problemáticos abordados por tais manuais.

A seguir, serão apresentados alguns comentários que foram possíveis a partir da observação tanto das gramáticas normativo-pedagógicas como de estudos lingüísticos modernos que tratam do conectivo em evidência nesta pesquisa.

A grande maioria das gramáticas tradicionais aponta o **mas** como a adversativa típica e afirma que a principal função dessa conjunção é justapor pensamentos contrários.

Seguindo a classificação de Cunha e Cintra (2001), apresentamos exemplos do *corpus* de análise em que o conectivo **mas** incorpora os valores atestados pelos autores: restrição, retificação, compensação, adição e mudança de assunto, como já apontado anteriormente.

**a) restrição:** em que os argumentos são limitados

(4) Eu descobri que o problema não estava na minha sogra, **mas** sim em mim. (Aluno do 8º ano do Ensino Fundamental – Rede Particular de Ensino)

(5) E o garoto sem muito acreditar pediu uma foto para confirmar e então teve a certeza de que havia descobrido um grande segredo, **mas** não podia contar a ninguém. (Aluno do 9º ano do Ensino Fundamental – Rede Pública de Ensino)

(6) Deveríamos voltar nossos olhos para os verdadeiros heróis, muitas vezes simples, **mas** heróis. (Aluno do 2º ano do Ensino Médio – Rede Pública de Ensino)

(7) Quem sou eu? Sou um menino nanico, **mas** lindo. (Aluno do 7º ano do Ensino Fundamental – Rede Pública de Ensino)

**b) retificação:** em que os argumentos tornam-se retos, corrigidos.

(8) Geralmente os filhos não têm coragem de falar com os pais, assuntos como o sexo. **Mas** mesmo sendo constrangedores, eles o farão, pois sabem que se abrir com os pais (Aluno do 3º ano do Ensino Médio – Rede Particular de Ensino)

(9) Gostava muito da minha avó de parte de pai, da minha tia Divina. **Mas** elas morreram quando eu era naniquinha. (Aluno do 7º ano do Ensino Fundamental – Rede Pública de Ensino)

(10) Nem todos são amigos verdadeiros **mas** os meus amigos que conquistei lá são **mas** importantes do que esses. (Aluno do 7º ano do Ensino Fundamental – Rede Particular de Ensino)

(11) Essas pessoas acham que os verdadeiros heróis são aqueles que têm super-poderes, **mas** os verdadeiros heróis são aqueles que fazem o que puderem para ajudar o próximo. (Aluno do 8º ano do Ensino Fundamental – Rede Particular de Ensino)

**(c) compensação:** em que os argumentos se contrabalanceiam

(12) O veneno estava nas suas atitudes, **mas** foi sendo substituído pelo amor e carinho que lhe comeceste a dedicar. (Aluno do 8º ano do Ensino Fundamental – Rede Particular de Ensino)

(13) Agora vou lhe fazer outra pergunta: as pessoas comuns que não tem super poderes, **mas** que salvam pessoas e as protege não devem ser chamadas de os verdadeiros heróis? (Aluno do 8º ano do Ensino Fundamental – Rede Particular de Ensino)

(14) Fiz exames **mas** não deram nada de errado. (Aluno do 9º ano do Ensino Fundamental – Rede Pública de Ensino)

(15) A menina ficou um pouco assustada, **mas** logo sua mãe chegou. (Aluno do 6º ano do Ensino Fundamental – Rede Pública de Ensino)

(16) Heróis são aquelas pessoas que não se preocupam em aparecer, para que ela seja parabenizada por todos, **mas** as que gostam apenas de ajudar as outras pessoas. (Aluno do 8º ano do Ensino Fundamental – Rede Particular de Ensino)

**d) Adição:** em que os argumentos são acrescidos de outros argumentos.

(17) Para mim para ser herói não precisa ser famoso, **mas** sim humilde, honesto, verdadeiro. (Aluno do 8º ano do Ensino Fundamental – Rede Particular de Ensino)

(18) Ninguém abriu. Depois de uma pausa voltou a bater. **Mas** então alguém abriu, aí o solitário marinheiro voltou para seu quarto no navio e ficou pensando naquilo. (Aluno do 8º ano do Ensino Fundamental – Rede Pública de Ensino)

(19) Não faço muita bagunça na sala de aula, **mas** no recreio eu não danço, só brinco e compro lanche. (Aluno do 6º ano do Ensino Fundamental – Rede Particular de Ensino)

(20) Assim, a necessidade de conversar sobre alguns assuntos deve ser aceita como um dos problemas mais sérios que existem na vida das pessoas. **Mas** para ajudá-las, podemos conversar com estas pessoas que estão carente de uma palavra. (Aluno do 3º ano do Ensino Médio – Rede Particular de Ensino).

**e) Mudança de assunto:** geralmente usado com o fim de retornar o fio do enunciado anterior outrora suspenso.

(21) Em alguns países o aborto é legalizado apenas em casos específicos. **Mas** a pergunta que se faz em todo lugar é: o aborto deve ou não ser proibido? (Aluno do 2º ano do Ensino Médio – Rede Particular de Ensino)

(22) Com seu curso de Advocacia, lutou para que a desigualdade racial na África do Sul não se prolongasse. **Mas** podemos ver uma coisa muito importante para com Gandhi. (Aluno do 9º ano do Ensino Fundamental – Rede Particular de Ensino)

(23) Ele queria que ele fosse na cabine massagear os seus pés, **mas**, aliás, aquele lá não é serviço dele. (Aluno do 7º ano do Ensino Fundamental – Rede Pública de Ensino)

(24) Eu vi sim, **mas** vamos mudar de assunto. (Aluno do 7º ano do Ensino Fundamental – Rede Particular de Ensino)

Vogt e Ducrot (1989 *apud* Fabri 2001) nos trazem uma explicação semântica para **mas**, considerada por eles a principal conjunção da classe adversativa. O termo, como já foi dito, é derivado do advérbio *magis* e em determinado momento das línguas portuguesa, francesa e italiana, a mesma forma fonética teve duplo valor de **mas** e **mais**. Os autores

propõem duas funções diferentes para **mas**:

- a) MasSN, que serve para retificar e que vem após proposição negativa, por exemplo, em:

(25) Ela não morreu, **mas** com a doença nos deixou uma lição de carinho e amor para nós. (Aluno do 7º ano do Ensino Fundamental – Rede Particular de Ensino)

No exemplo supracitado, podemos perceber que mesmo a personagem tendo sobrevivido, ainda serviu como exemplo para a posteridade. Os elementos desse fragmento, principalmente associados ao uso do conector **mas**, nos levam a crer que a personagem não era uma pessoa boa, no entanto, seus últimos gestos a valorizam, ou seja, não só a transformaram como também aos outros que a cercam. Assim, com a negação e a retificação, a sentença (25) apresenta um MasSN.

- b) MasPA, que procede uma proposição que orienta para uma conclusão não esperada, como em:

(26) Eu moro com a minha mãe (p) **mas** fico com meu tio e minha avó porque minha mãe trabalha. (Aluno do 6º ano do Ensino Fundamental – Rede Pública de Ensino)

(27) Foram em direção a casa das Burnell, entraram pelos fundos e coloram fogo em sua mansão, **mas** algo deu errado: a pequena Else ficou no banheiro

na hora da fuga. (Aluno do 8º ano do Ensino Fundamental – Rede Particular de Ensino)

Em (26) podemos notar que se a personagem mora com a mãe, pressupõe-se que as duas vivam juntas. O fragmento em questão leva a crer que mãe e filha não convivem. Tal comentário nos orienta para um **mas** que está associado a uma conclusão não imaginada pelos outros interlocutores. Assim, bem como o exemplo (27), o termo **mas** conduz (q) a um fato que surpreende e tem papel conclusivo.

Vogt e Ducrot estabelecem essa relação para diferenciar o sentido do conector **mas** e o sentido do advérbio **magis**.

Em (26), (q), introduzida pelo conector **mas**, tem a função apenas de retificar o que foi dito em p, sem poder argumentativo: ficar com o tio e a avó corrige morar com a mãe. Assim, nesta situação **mas** tem função de MasSN.

Em (27), (q) assume a função de contrastar com p: o plano parecia perfeito, se algo não desse errado, assim podendo argumentar qual foi o erro. Dessa forma, comprovamos que o **mas** assume o papel de MasPA nesta sentença.

Em (28), o enunciado que contesta as suposições do primeiro locutor não pode ser introduzido por outro elemento conectivo, que não seja **mas**.

(28) - Mestre Hung eu e minha sogra ficamos muito amigas e eu não quero que ela morra.

- **Mas** você mesma pediu o veneno para que sua sogra morresse. (Aluno do 8º ano do Ensino Fundamental – Rede Particular de Ensino)

A noção do MasSN, como retificador sem poder argumentativo, de Vogt e Ducrot, foi ampliada, apontando para outros sentidos que esse **mas** pode conceder à frase, possibilitando o progresso do texto, marcando a argumentação e expandindo as idéias anteriores do interlocutor.

Fabri (2005), em seu trabalho de análise do operador argumentativo **mas**, cita alguns poucos exemplos de valores semânticos, como valor adversativo de inclusão, valor adversativo de contraste, valor adversativo de compensador, valor adversativo refutativo, dentre outros e considera que a decisão quanto ao emprego da adversativa pode ser utilizada pelo locutor que pretende dar uma determinada direção à leitura do seu locutor.

Diante de toda essa consistência teórica e, por meio de estudos lingüísticos textuais, podemos afirmar que o **mas** tem função primariamente coesiva. Além desse uso básico, notamos, em nosso *corpus*, um uso bastante próximo à forma usada na modalidade oral da língua. Isso ocorre pelo fato de os sujeitos de nossa pesquisa apresentarem algumas dificuldades em

produzir textos escritos. Imaginamos que indivíduos com maior prática da modalidade escrita, talvez, selecionem recursos diferentes para expressar as mesmas idéias. Entretanto, não podemos deixar de observar que na maioria dos casos em que o **mas** é visto como um mero marcador de continuidade, ainda é possível encontrar um motivo que justifica sua escolha em lugar de outros marcadores coloquiais da língua portuguesa como *ai* ou *então*.

Nessa perspectiva, observando a sentença que segue, percebemos que há um crescimento da força da adversidade, de sua inexistência à sua forte marcação.

(29) No passeio veio uma chuva fraca, **mas** só que depois a chuva ficou forte. (Aluno do 5º ano do Ensino Fundamental – Rede Particular de Ensino)

(30) Chegando lá, a galinha pegou seus pintinhos, **mas** eles quiseram voltar pra casa. (Aluno do 4º ano do Ensino Fundamental – Rede Pública de Ensino)

Em alguns casos, o conector **mas** retoma o tema inicial do qual havia se distanciado e, em outros, simplesmente muda de assunto. É interessante percebermos que nas situações que seguem, as interrupções são marcadas pelo **mas**.

(31) E outro dia cedo ele arrumou suas coisas para ir arranjar um lugar para se abrigar, **mas** o senhor muito bom insistiu que ficasse e ele aceitou...

(Aluno do 7º ano do Ensino Fundamental – Rede Pública de Ensino)

(32) Sim mestre **mas**... (Aluno do 8º ano do Ensino Fundamental – Rede Particular de Ensino)

(33) Em alguns países o aborto é legal em casos específicos. **Mas** o aborto deveria mesmo ser proibido? (Aluno do 2º ano do Ensino Médio – Rede Particular de Ensino)

Partindo para a análise dos dados coletados, podemos perceber a funcionalidade do conector **mas** em consonância com o contexto analisado. Com o intuito de facilitar a interpretação quantitativa dos dados, apresentamos a tabela ilustrativa que representa o total de ocorrências de **mas** nos três tipos de textos considerados neste estudo.

Tabela1 – Total de ocorrências de **mas** no *corpus* analisado

Tipo de texto	Percentual	Total
Descritivo	21%	67
Dissertativo	31,5%	100
Narrativo	47,5%	150
Total	100%	317

A tabela 1 mostra que a grande maioria das produções analisadas foi do tipo narrativo, totalizando uma quantidade de 150 textos, representando 47,5% do total analisado.

Em relação à quantidade de ocorrências do conectivo analisado, podemos dizer que a maior proporção ficou para os textos narrativos, sendo esses



seguidos dos dissertativos, fato que contraria a hipótese de que o **mas** seria um conector altamente utilizado em textos expositivos – argumentativos com intuídos diversos, como por exemplo, de evidenciar argumentos opostos e garantir força ao texto.

Por outro lado, se observarmos a quantidade de textos analisados, percebemos que há uma discrepância: os textos narrativos apresentam percentual maior que os outros tipos devido à sua quantidade ser bastante superior às outras apresentadas. Assim, analisando quantitativamente a presença de **mas**, podemos perceber que este elemento ainda é mais freqüente em textos de tipo dissertativo se considerarmos que nesta pesquisa o *corpus* é composto de quantidades diferentes de textos em cada tipo. Dessa forma, podemos observar na tabela 1 que os textos de cunho narrativo estão em quantidade superior aos outros textos.

Assim, poderíamos considerar a hipótese de que são os dissertativos os tipos de texto em que predominam o uso desse elemento conectivo se trabalhássemos com números em proporções iguais, por exemplo, trinta textos de cada tipo.

Observamos, também, que em nosso *corpus* foram encontrados mais textos com a presença do conectivo **mas**

(317 textos no total) do que com a presença de outros elementos que a Gramática Tradicional insiste em colocar na mesma classe. Os outros 110 textos que não apresentaram o conectivo em estudo não foram apontados nas tabelas a seguir pelo fato de os alunos não utilizarem o conectivo em análise. Nesses textos, observamos poucas ocorrências de elementos como **porém, todavia, contudo e entretanto**.

Os números apresentados nesta pesquisa mostram que, assim como na modalidade oral da língua, o conectivo do tipo adversativo mais freqüente é o **mas**. Nesse sentido, percebemos que o emprego desse elemento aparece com uma distância significativa em relação aos outros de mesma função, o que o destaca dentro da classe adversativa e ressalta o baixo uso dos outros elementos quando comparados a **mas**.

Em síntese, foram avaliados 67 textos descritivos, dos quais 55 apresentaram ocorrências do conector em questão. Dos 12 textos inutilizados, encontramos os seguintes resultados, conforme tabela ilustrativa abaixo. O mesmo se fez necessário observar nas demais produções. Nesse sentido, vejamos as ocorrências de uso de outros conectores com função adversativa nos tipos de texto analisados:

Tabela 2 - Ocorrências das adversativas em textos descritivos

Conjunção de valor adversativo	Numero de ocorrências
Mas	55
Porém	7
No entanto	4
Todavia	1
<b>Total de textos</b>	<b>67</b>

Tabela 3 - Ocorrências das adversativas em textos dissertativos

Conjunção de valor adversativo	Numero de ocorrências
Mas	53
Porém	35
No entanto	10
Todavia	2
<b>Total de textos</b>	<b>100</b>

Tabela 4 - Ocorrências das adversativas em textos narrativos

Conjunção de valor adversativo	Numero de ocorrências
Mas	68
Porém	61
No entanto	19
Todavia	2
<b>Total de textos</b>	<b>150</b>

Com a visualização dos números registrados neste estudo em questão por

meio das tabelas acima, fica clara a preferência da escolha do conector **mas** em textos escritos. Imaginamos que isso, provavelmente, se dá pelo fato da popularidade desse elemento coesivo, de fato, muito utilizado em discursos nas modalidades oral e escrita de língua. Assim, afirmamos que, realmente, esse elemento é um dos grandes responsáveis pela junção das partes que constituem o todo textual.

Essa capacidade é um dos fatores que contribuem para que não sejam poucos os valores assumidos por esse elemento, dependendo da situação comunicativa. No que respeita ao conectivo **mas**, especificamente, podemos afirmar que ele é extremamente exigido pelo usuário de uma língua, o que, muitas vezes, faz que ele assumam valores pouco lembrados ou totalmente esquecidos pelas gramáticas normativo-pedagógicas, como mostramos em alguns dos exemplos do *corpus* apresentados de (4) a (24).

Considerando as tabelas apontadas, constatamos, também, que o maior índice de emprego da conjunção **mas** se dá em textos do tipo narrativo. Mesmo com algumas conjunções sendo empregadas em posições diferentes na estrutura do enunciado, os dados levantados mostram que há preferência, nesse tipo de texto, pelo uso do **mas**. De fato, podemos afirmar que o **mas** é um termo altamente desejado

e utilizado pelos falantes no intuito de lançar novos argumentos ou reforçar idéias já expressas.

Sob esse mesmo âmbito, examinamos os textos descritivos. Assim, pudemos perceber que há uma larga diferença entre a preferência pelo uso do conectivo **mas** se comparado aos outros de mesma função. Observamos que o uso de *porém, todavia e contudo* é quase nulo. Considerando os textos descritivos como produções que objetivam fornecer detalhes, fornecendo ao leitor a oportunidade de visualizar o cenário onde uma ação se desenvolve e as personagens que dela participam, podemos perceber a força que o conectivo **mas** tem: o leitor é levado a se convencer da veracidade dos detalhes pelos argumentos lançados e enumerados nas sentenças após o uso de **mas**. Assim, o produtor desse tipo de submete-se a condições particulares de produção, o que exige do falante da língua determinadas estratégias de construção textual.

Da mesma forma, o **mas** em textos do tipo narrativo é uma cartada estratégica, visto que esse conector indicia claramente que o evento que vai ser descrito constitui, de certa forma, uma surpresa ou motivo de complicações ou conflitos no desenrolar da ação, ou seja, **mas** introduz um contraste ou desequilíbrio na situação de estabilidade anterior das sentenças.

Em produções do tipo dissertativo, temos a força do **mas** para reafirmar os argumentos, convencer e persuadir.

Sob essa perspectiva e com base em estudos funcionais e lingüístico - textuais, podemos afirmar que os conectivos adversativos podem ser encontradas em diferentes posições na frase e que essas posições são responsáveis por diferentes efeitos de sentidos que o autor pretende provocar. No entanto, indubitavelmente, o **mas** é um termo que aparece somente no início da oração. Em nosso *corpus* de análise não encontramos nenhuma ocorrência que desrespeitasse essa regra, tal como o uso desse elemento após o sujeito da oração, após o verbo ou em outras circunstâncias (acho que já havia mudado). Podemos dizer que essa é uma regra que caracteriza o uso do **mas**.

Eis, assim, um exemplo do emprego mais comum do conector **mas**.

(34) Tenho um cachorro chamado Bell, ele é insuportável, **mas** é uma gracinha. (Aluno do 5º ano do Ensino Fundamental – Rede Particular de Ensino)

No exemplo acima, conforme conceito geral da gramática normativa, o aluno usa **mas** no sentido de contrariar uma qualidade do animal. Mesmo sendo insuportável, o cão é uma graça. Dessa forma, com tal colocação, o aluno

demonstra que o termo aparece a fim de reiterar, corrigir a sentença demonstrando um aspecto positivo do animal.

Nos textos dissertativos, a presença de **mas** é dada em proporção bem maior em relação aos outros elementos da mesma classe. Isso se dá porque o conectivo **mas** pode ser tido como instrumento de argumentação, informação, instigação e persuasão.

Ainda analisando o posicionamento do **mas** nos textos analisados, percebemos que esse é um conectivo que se relaciona com (p) sendo sintagma, ou oração.

#### a) Sintagma

(34) Eu já mestre (p), **mas** ...(q) No exemplo (34), mestre é um SN, um substantivo e não há verbos. O uso do elemento **mas**, nessa situação, leva o leitor a subentender que uma idéia, argumento ou comentário se mantém suspenso ou interrompido.

#### b) Oração:

(35) O capitão nervoso com ele rejeitava o seu pedido, o marinheiro implorava, suplicava (p), **mas** não tinha alternativa a não ser continuar na marinha(q). (Aluno do 8º ano do Ensino Fundamental – Rede Pública de Ensino)

No exemplo (35), o elemento **mas** é precedido de uma oração completa. Mesmo parecendo não agradar ao capitão, o marinheiro não tem escolha: ele deve continuar servindo à marinha. Nesse fragmento, o elemento conector leva o

leitor a perceber o desapontamento do personagem perante os gestos rígidos do capitão.

O **mas**, sendo o conectivo, da classe das adversativas, mais empregado no *corpus* examinado, relaciona-se principalmente, com segmentos estruturados como orações.

O uso constante de **mas** nas orações leva a crer que o autor tem a intenção de propor uma adversidade imediatamente após a proposição antecedente. Nesse sentido, apontamos que o falante sente necessidade de focar, enfatizar a adversidade logo no início dos seus pensamentos como forma de manobrar os efeitos de sentidos de seu interlocutor.

(36) Também tem outras pessoas que são heróis, como os voluntários, que compartilham sua alegria, seu lazer e que cuida das pessoas que não tem nada (p), **mas** em troca de um grande sorriso que vale tudo(q). (Aluno do 9º ano do Ensino Fundamental – Rede Particular de Ensino).

No exemplo acima, percebemos que o **mas** aparece como retomada da idéia anterior, de que os heróis cuidam das pessoas. A sentença (q) faz com que os argumentos se contrabalanciem. Assim, essa troca de sorriso à qual o aluno se refere é resultado da compensação de ser voluntário e não pedir nada em troca. Assim, retomando à função de conector na ocorrência em questão, podemos afirmar

que o **mas** acentua não propriamente a idéia de contraste, mas uma espécie de concessão atenuada, enfraquecida.

Com relação ao uso de **mas**, um outro aspecto importante a ser ressaltado é o alto valor argumentativo que este elemento carrega. A argumentatividade tem a ver com a relação dos recursos lingüísticos usados, com determinadas intenções comunicativas em uma determinada situação de interação comunicativa.

Diante disso, verificamos nesta pesquisa as instruções utilizadas pelo locutor que pretende determinar o percurso de leitura do seu leitor e as orientações argumentativas estabelecidas pelo conectivo em questão.

(37) Fizeram vários exames (p), **mas** não dava nada, estava tudo dentro dos conformes (q). . (Aluno do 6º ano do Ensino Fundamental – Rede Particular de Ensino)

Na ocorrência (37), estruturada como (p) **mas** (q), tende –se a tirar de (p) uma conclusão “se foi feita uma série de exames, esperava-se que alguma coisa estivesse errada”, entretanto não é isto que ocorre, pois a partir do **mas**, introduzindo a seqüência (q) chega-se à outra conclusão: “estava tudo certo”. Assim, o elemento **mas** confirma a orientação argumentativa que contraria o esperado. Percebemos,

então, que ao estruturar a seqüência dessa forma o locutor conduz a leitura do leitor.

Observamos que, conforme o critério de escala argumentativa, proposto por Ducrot (1981), há uma hierarquia entre duas proposições. Vejamos:

(38) Ninguém respondia nada (p). **Mas** ela continuou gritando, **mas** gritava tanto (q). (Aluno do 8º ano do Ensino Fundamental – Rede Pública de Ensino)

No exemplo (38) verificamos que há uma relação de sentido mais forte em (q), isto é, na seqüência (p) há a apresentação de uma proposição, que logo é procedida pela ação (q) que nos faz entender a oração anterior. Essa completude de idéias (se p comparado a q) deve ser considerada como (q) determinante em relação à anterior e tem uma posição, aos nossos olhos, mais elevada.

Assim, levando em consideração todo o estudo feito, podemos afirmar que o operador discursivo **mas** tem como função estruturar enunciados que se comportam de diferentes e variadas maneiras. Assim, por exemplo, em (38) o autor pode causar determinado efeito de sentido, orientando argumentativamente o leitor. Nesse sentido, concordamos com as gramáticas funcionais e os estudos lingüísticos - textuais, quando esses afirmam que o **mas**

é um termo que está além da classificação que recebe nos manuais normativo – pedagógicos, podendo ser usado para expressar inúmeros valores semânticos, como comprovam as ocorrências que constam de nosso *corpus* de análise.

## 5.0 – CONCLUSÃO

A partir da abordagem teórica da Lingüística Textual e do Funcionalismo, chegamos a algumas considerações finais que acreditamos poder ter conseqüências bastante significativas para o aprofundamento dos estudos e orientações a respeito do conector **mas**.

Devido ao fato de nosso *corpus* ter relação direta com o processo de ensino-aprendizagem de língua materna, devemos lembrar que, mesmo os alunos sabendo como empregá-lo e qual sua função dentro de uma sentença, é preciso examinar as ocorrências da língua com um olhar interativo, observando nelas as relações, funções, valores semânticos e intenções nos diferentes tipos e gêneros textuais, já que não há ensino da língua separado do estudo e produções de texto. Em contrapartida, essas implicações do ensino exigem, de fato, uma outra reflexão que não cabe a nós discutirmos nesta pesquisa.

Em síntese, concluímos que:

1) O elemento conectivo **mas** estabelece relações diferenciadas conforme o tipo de texto, intenções e argumentos

levantados pelo produtor/ falante. Observamos que o **mas** não possui a mesma mobilidade de posição na seqüência que estabelece a adversidade, em relação às outras conjunções, isto é, o **mas** é empregado apenas no início do enunciado enquanto os outros conectores ditos de mesma classe possuem mais mobilidade.

Usando esses mecanismos de mobilidade ou, seguindo a preferência dos falantes, utilizando o **mas**, o produtor do texto/falante pretende determinar o percurso da leitura do leitor/interlocutor e os seus possíveis efeitos de sentido;

2) O conector **mas** tem vários valores semânticos e em nosso *corpus* eles foram estabelecidos como restrição, retificação, adição, compensação e mudança de assunto. Esses valores são usados de acordo com o tipo de texto e intenções que o autor pretende: a restrição e a retificação têm, por exemplo, um significativo uso nos textos descritivos, utilizado para retomada de detalhes e confirmação dos fatos. Em análise semelhante a esta, notamos que nos textos narrativos e dissertativos os valores semânticos mais empregados são a mudança de assunto e a compensação.

É interessante comentarmos também que o valor semântico de adição é visto, principalmente, em textos de caráter predominantemente narrativo.

Acreditamos, como os funcionalistas propõem, que esses resultados têm relação com a forma de interação que cada texto estabelece;

3) O conectivo **mas** funciona, dentre várias outras possibilidades, como operador argumentativo que colabora com a progressão do texto, apontando a seqüência para uma outra direção, afim de expandir a afirmação anterior. Este termo não pode ser visto apenas como simples elemento relacional responsáveis pela oposição entre segmentos. Dessa forma, esse conectivo é um dos grandes responsáveis pelos efeitos de sentidos que o autor propõe estabelecer com o seu interlocutor;

4) O **mas** traz uma nova e diferente informação à seqüência anterior, o que se relaciona com a afirmação de Ducrot (1981), ou seja, o dito é re-significado em uma outra direção, permitindo sempre o avanço e a progressão do texto;

5) Uma outra consideração que a pesquisa aponta é para o largo uso de **mas**. Ele é muito empregado e com uma diferença significativa com relação aos outros itens classificados como adversativos pela Tradição Gramatical. Entre as 317 ocorrências observadas no *corpus* de estudo, o **mas** apareceu 176 vezes. Acreditamos que isso se dá porque esse elemento conectivo, mesmo sendo usado apenas no início dos enunciados,

relaciona-se com todas as estruturas que precedem a seqüência. Outro fato que pode justificar a preferência pelo uso do **mas** é o seu emprego em todos os tipos de texto analisados e com variados valores semânticos;

6) O elemento em estudo pode estabelecer, predominantemente, uma desigualdade entre as seqüências que une;

7) O **mas**, ao estabelecer uma outra conclusão ao dito inicial proposto, fortalece essa conclusão implicando uma maior força argumentativa a ela e conseqüentemente tentando convencer o interlocutor a aceitar a sua nova proposta;

8) A noção do MasSN, segundo as propostas de Vogt e Ducrot (1989 *apud* Fabri 2001) como retificador, sem poder argumentativo foi ampliada, apontando para outros sentidos que esse conectivo pode conceber à frase, como mudando a abordagem anteriormente proposta, possibilitando o progresso do texto e marcando a argumentação.

Certamente, esta pesquisa, mesmo que de forma superficial, mostra que há uma relação inseparável entre a escolha do **mas**, os valores empregados e o tipo de texto. Esperamos com essa análise ter colaborado para a divulgação e o desenvolvimento do estudo lingüístico textual, principalmente quando este estiver relacionado a este impressionante conector – o **mas**.

#### 4.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1952. 658p.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro. Lucerna, 1999. 669p.

BORBA, F. S. (Colaboradores: S.E. Ignácio, M. H. de M. Neves, B. N. de Oliveira, M. B. Bazzoli e M. C. C. Dezotti.), *Dicionário de Usos do Português do Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 2002. 3809p.

BUENO, Francisco Silveira. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 8ª edição. São Paulo: Saraiva, 1968. 467p.

CUNHA, Celso e Cintra, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 748p.

DUCROT, Oswald. *Provar e Dizer: linguagem e lógica*. São Paulo. Global, 1981. 264p.

FABRI, Katia M. Capucci. *Da diferenciação das conjunções em diferentes tipos de textos escritos*. Dissertação de mestrado. Uberlândia: ILEEL/UFU, 2001. 122p.

\_\_\_\_\_. Da diferenciação das conjunções adversativas em textos escritos.

In: *Letras e Letras*, volume 21, nº. 1 (janeiro/junho) Uberlândia: UFU/ILEEL, 2005. (pp. 135-152)

FÁVERO, Leonor Lopes e KOCH, Ingedore G.V. Contribuição a uma tipologia textual. In: *Letras e Letras*. Vol.3. Uberlândia: Departamento de Letras: UFU, 1987. (pp.3-10)

\_\_\_\_\_. *Linguística Textual: Introdução*. São Paulo: Cortez, 1988. 105p.

HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976. 374p.

KOCH, Ingedore G.V. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.248p.

\_\_\_\_\_. Dificuldades na Leitura / Produção de texto: os conectores interfrásticos In: *Linguística Aplicada ao Ensino do Português*. Porto Alegre: Mercado aberto, 1992 (p p.83-98)

\_\_\_\_\_. *O texto e a construção de sentidos*. São Paulo: Contexto, 2000. 124p.

KOCH, Ingedore V.; TRAVAGLIA L.C. *A coerência textual*. 9ªed. São Paulo. Contexto, 1997. 96p.

LIMA, Carlos H. Rocha. *Gramática*



*Normativa da Língua Portuguesa*. 43ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. 506p.

MELO, G.C. *Gramática fundamental da língua portuguesa*: Rio de Janeiro, 1980. 258p.

MESQUITA, E.M.C. *As legítimas conjunções coordenativas do português contemporâneo*, 2003. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, 2003. 238p.

NEVES, Maria Helena M. *A Gramática Funcional*. São Paulo. Martins, 1997. 160p.

\_\_\_\_\_. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000. 1037p.

\_\_\_\_\_. *A Gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Unesp, 2002. 282p.

PERINI, Mário A. *Gramática Descritiva do Português*. 4ª . ed . São Paulo: Ática, 2001. 380p.

SILVA, Camilo Rosa; CHRISTIANO, M<sup>a</sup> Elizabeth A.; HORA, Demerval (Orgs). *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Idéia, 2004.

279p.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Um estudo textual discursivo do verbo em português*. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa). Campinas: IEL/UNICAMP, 1991. 2v.:il.